



# A Força do Amor



**A venda na casa Athayde  
na rua dos Pescadores, 57**

Remete-se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importância do pedido para qualquer estado do Brasil

**A Pernambucana  
De NIGRO A. SILVA**

Livros, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros. Depósito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde. Grandes descontos aos revendedores

Mercado Modelo n. 158 - BAHIA

Distribuidor exclusivo das publicações de João Martins de Athayde: Perfumaria Minerva Rua Frei Miguelinho, n. 87 Natal-Rio Grande do Norte. Hygino Aguiar Perfumista

**T**ambem á venda na rua Japaratinga, 737 Aracajú-- Marcelino de S. Bittencourt.

**O FITEIRO DE LEON PIANCO'**

Revistas, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros. Depósito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde, grandes descontos aos revendedores a Venida B. Paroan.

João Pessoa - Paraíba

Marciano

JOÃO MARTINS DE A THAYUB

A FORÇA

DO AMÔR

N ESTES versos eu descrevo  
a força que o amôr tem,  
que ninguém pode dizer  
que não há de querer bem  
o amor é como a morte  
que não separa ninguém.

Maria era uma moça  
muito rica e educada,  
o pae dela era um Barão  
de uma familia illustrada  
porém ella amou Alonso  
que não possuia nada.

Ambos nasceram num sitio  
num dia e na mesma tarde,  
pegaram logo a se amar  
com nove annos de idade  
se todos dois fossem ricos  
era um casal de igualdade.

Alonso era um engeitado  
sem ter de familia o nome  
criado por um ferreiro  
trapillio e passava fome  
pois quem é criado assim  
todos os dias não come.

Pelas mercês de Marina  
Alonso poude estudar  
Marina não tinha mãe  
se sujeitava a tirar  
do dinheiro do Barão  
para Alonso sustentar.

Estava nem 22 anos  
dispoz-se um dia Marina  
disse a Alonso me peça  
veja o que a sorte destina  
é bom que se saiba logo  
meu pae o que determina.

Amanhá pelas dez horas  
você vá logo ao Barão,  
chegue lá declare a ele  
que pretende a minha mão  
conforme o que ele disser  
eu tomo a resolução.

Se não faltar-lhe a coragem  
havemos de conseguir,  
meu pai não é raio electrico.

que nos possa consumir  
ou faz o que nós queremos,  
ou vê então eu sair.

Alonso ai respondeu-lhe  
não obsta ser Barão,  
título comprado não pode  
comprar a um coração  
ele é mortal como eu  
um de nós perde a ação.

Ele pode desherda-la  
tomar tudo que for seu  
cazar-me com meça rica  
não é interesse meu  
amo-a mais que minha vida  
escravo do amôr sou eu.

No outro dia as 10 horas  
Alonso foi ao Barão  
chegou com toda coragem  
e fez-lhe a declaração  
que amava a filha dele  
pretendia dela a mão.

Exclamou logo o Barão  
és assim tão atrevido.  
não respeitas mais a mim  
aonde estaes tú metido  
então eu tenho uma filha  
para dá-la a um bandido ?

*Alfonso*

Disse Alonso : sr Barão  
não obsta eu ser pobre  
sua filha é potentada  
me ama sem eu ser nobre  
o amor não olha riqueza  
ainda que a pobreza dobre.

O Barão chamou tres praças  
deram-lhe voz de prisão,  
arrastaram o pobre Alonso  
como se fosse ele um cão  
ou fosse algum insolente  
um assassino ou ladrão.

O Barão chamou a filha  
perguntou se tinha dado  
consentimento a um bandido  
que o tinha injuriado  
pedindo-a em casamento,  
sendo ele um desgraçado.

Fui eu, respondeu Marina  
que mandei ele pedir,  
o amo desde pequena  
e se o amor não conseguir,  
no solo do cemiterio,  
irei com ele me unir.

O Barão correu e disse ;  
descanse o seu coração  
se você casar com ele

eu deixo de ser Barão  
pois eu morto as minhas cunhas,  
reconhecem o meu braço.

Eu já mandei-o prender  
e fiz recomendação  
que não consentisse alguém  
levar a ele agua e pão  
crelo que mais de dez dias  
não terá de duração.

Disse Marina; meu pae  
pode se desenganar,  
ainda Alonso morrendo  
se o atirarem no mar  
lançar-me-ei ao abysmo,  
e vou com ele parar.

Porque se é pobre assim  
não tem pae fol engeltado,  
é pobre mas tem orgulho  
de dizer sou homem honrado  
pode a sorte o protejer  
e ele ser potentado.

Cale-se infeliz maldita ?  
falou irado o Barão,  
se ainda articular comigo  
eu boto-a numa prizão  
mato-a debaixo dos ferros  
e lhe acabo a opialão.

Pode matar disse ela  
sacie a sua paixão  
meu pae me aniquila os dias  
mas não minha opinião  
só Deus sabe mas ninguem,  
o que tenho no coração.

Se recolheu para o quarto  
deixando o pae no salão,  
estudando qual o meio  
dela enganar o Barão  
como podia tirar  
seu amante da prisão.

Depois de pensar um pouco  
chamou a criada dela,  
disse que fosse a cadeia  
e falasse ao sentinela  
que ela mandava dizer  
para vir falar com ela.

Recebe o guarda o recado  
e prontamente chegou  
ela estava no jardim  
o guarda se apresentou  
não ouve al quem soubesse  
a cilada que ela armou.

Disse Marina ao guarda  
você é um desgraçado,  
mil anos que viver aqui

não passará de um soldado  
solto Alonso que está preso  
que o faço felizardo.

- Senhora, lhe disse o guarda  
isso faz minha desgraça  
se eu fizer isso seu pae  
acaba até minha raça  
disse Marina : Dizê-te  
para que você quer praça ?

Dou-lhe dez contos de reis  
para você o soltar,  
ele vai para o Japão  
onde há de negociar  
você dizerte com ele  
lá pode bem se arrumar,

Ai o guarda saiu  
só pensando no dinheiro  
então ponde aproveitar  
o somno do carcereiro  
tirou-lhe a chave do bolço  
soltou o prizioneiro

Chegaram ambos ao jardim  
Alonso com o soldado  
ela foi ver o dinheiro  
que anos tinha juntado  
achou sem contos de reis  
dinheiro forte e cunhado.

Al disse ela a Alonso  
vamos lutar com a sorte,  
você fuja p'ro Japão  
deu-lhe um falso passa-porte  
com as paixões de meu pae  
você vá e não se importe.

Quando escrever para mim  
para não ser descoberto  
bote Januaria Mendes  
filha de Herculano Berto  
as que eu escrever d'aqui  
vão Inacio Felisberto.

Você enricando lá  
depois quando aparecer  
meu pae estará mais brando  
e poderá esquecer  
se ilude com o dinheiro  
tudo se pode fazer.

Quando foi no outro dia  
o Barão pode saber,  
que Alonso tinha saldo  
deu-lhe febre quiz morrer  
não assassinou Marina  
por um padre se atrever.

Com 4 dias depois  
veio um moço passar  
foi a casa do Barão

ele lhe deu um jantar  
o tal moço viu Marina,  
pediu-a para casar.

● Barão disse que dava  
porem Marina não quiz,  
disse-lhe pessoalmente  
comigo não é feliz  
lóra de Alonso para mim,  
não há outro no palz.

Lhe replicou o Barão  
a força has de casar,  
este homem é muito rico  
tem bem com que te tratar  
se não me fizer os gostos  
a vida te há de custar.

Men pae, respondeu Marina  
a morte a mim me faz bem,  
o homem que casa a força  
que sentimento bom tem  
eu sou mulher mas a força  
não me caso com ninguem.

E o Snr. cavalheiro  
saiba que está enganado  
esposa sua, eu não sou  
pois assim tenho jurado  
pode ficar na certeza,  
que não logra este bocado.

O Barão disse: se apronte  
que ela não se governa  
inda que nisso intervenha  
a autoridade Eterna  
casa-se ainda que vá,  
no fundo de uma cisterna.¶

Faltavam apenas dois mezes  
para a realização,  
quando veio a precatória  
foi logo as mãos do Barão  
denunciando o tal meço  
como assassino e ladrão

Dêsse ficou ela livre  
pois a justiça o prendeu  
porem por caipora dela  
um primo lhe appareceu  
pedindo-a em casamento  
o pae prontamente deu.

Então Marina ai disse  
meu pae faça o que quiser  
eu só caso com Alonso  
dê a sorte no que der  
outro homem neste mundo  
não ter-me-ha por mulher.

O pae já tinha comprado  
um muito rico enxoval  
disse a ela você casa

casa por bem ou por mal  
respondeu ela meu pae  
eu preparei um punhal.

Barão escreveu ao primo  
que não viesse casar,  
sob pena de morrer  
que era um calculo sem errar  
pois mesmo aos pés do padre,  
ela havia de o matar.

Ele mandou-lhe dizer  
que abrandasse o coração  
se esquecesse de um bandido  
que envergonhava o Barão  
que d'all a mais dois dias  
ela lhe daria a mão.

Alinal chegou o dia  
que ela havia de casar,  
disse comsigo Marina  
por certo hei de me acabar  
que romance interessante  
alguem de mim vae formar.

Estava o altar preparado  
o bispo e o capelão,  
o presidente da provincia  
que era amigo do Barão  
a sala estava repleta  
de homens de posição.

As criadas de Marina  
vestiram-lhe o enxoval,  
ela disse a uma delas  
mande que dobre o sinal  
e por debaixo das roupas,  
colocou logo um punhal.

Chegou ao pé do altar  
mesmo na ocasião,  
que o bispo preparou tudo  
e o noivo estendeu a mão  
ela cravou-lhe o punhal,  
em cima do coração.

O punhal entrou um palmo  
ele caiu sobre o chão,  
ela perguntou ao pae:  
está satisfeito Barão?  
viu como uma mulher faz?  
cumpri minha jura ou não?

O Barão ficou possesso  
quiz na mesma ocasião,  
vibrar-lhe outra punhalada  
deixa-la morta no chão  
soluçava em desespero  
em pensar naquela ação.

Foi um irmão do tal noivo  
vingar nela seu irmão,  
ela disse: este punhal

é tudo em minha mão  
abaixo de Deus é ele,  
quem me dá a proteção.

Ai cravou-lhe o punhal  
ele caiu sem alento  
ela enxugando o ferro  
gritou : tudo eu arrebento  
até meu pai si se opuzer,  
morre ou sofre ferimento.

Ai o bispo pegou-a  
e deu-lhe voz de prisão,  
estou preza disse ela  
mas não me entrego ao Barão  
meu pae me fez assassina,  
e fez minha perdição.

Apontou para o cadaver  
e lhe disse ; desgraçado,  
morreste por ser covarde  
sendo por mim avisado,  
teu irmão tambem morreu.  
e foste tu o culpado.

O bispo : disse Marina  
eu garanto tua vida,  
então respondeu ela  
ao Sr. estou rendida  
a morte não faz horror  
quando a alma está ferida.

Jurei perante ao meu pae  
que com ele não casava  
porque o amor de Alonso  
felmente eu conservava  
e disse que esse punhal  
era quem me adorava.

Avizei este covarde  
já no ultimo momento  
previni-lhe que o matava  
no ato do casamento  
aquillo que digo faço,  
cumpri o meu juramento.

Meu pae fez minha desgraça  
devido a sua ambição,  
prefiro morrer a fome-  
encerrada na prisão  
porém o amôr de Alonso  
não sae do meu coração.

Se na prisão me scabar  
e fôr perante ao Creador  
se lá eu puder falar-lhe  
direi a ele, senhor,  
toda culpa quanto tenho  
foi entregar-me ao amôr.

Disse o Barão que a levasse  
para a prisão amarrada,  
porque era uma assassina

sanguinaria desgraçada  
das vítimas inocentes  
fez agora essa malvada.

A criada acompanhou-a  
até entrar na prisão,  
ela primeiro de tudo  
escreveu para o Japão  
contando tudo a Alonso,  
o que lhe fez a aflição.

Alonso já tinha ganho  
dois mil contos no Japão  
quando recebeu a carta  
quase morre de paixão  
disse com algo é agora  
que me vingo do Barão

«Na carta vinha o seguinte:  
«— Alonso me desgraçei,  
«meu pae quiz casar-me a força  
«que não casava jurei  
«me levaram aos pés do padre  
«lá mesmo o noivo matei.

«Matei mais o irmão dele  
«que interviu na questão  
«porque tambem recelava  
«que podia ainda o Barão  
«visto eu ter morto meu noivo  
«querer dar-me a outro irmão.

Tomou Alonso um vapor  
e seguiu no mesmo dia,  
com seis dias de viagem  
chegou aonde queria  
mudou de traje e de nome  
que ninguem o conhecia.

Encontrou na rua um homem  
que a ele pediu dinheiro  
porque esse avallava  
que Alonso fosse extrangeiro  
Alonso o viu com as chaves,  
conheceu ser carcereiro.

Alonso al perguntou  
o amigo é carcereiro ?  
sou Snr. disse o velho  
um mendigo aventureiro  
há seis mezes que trabalho  
e não recebo dinheiro.

Alonso com muito geito  
fez-lhe uma indagação  
perguntando: o Snr. tem  
as chaves de uma prisão  
desta prisão onde está  
a menina do Barão ?

É esta, mostrando a chave  
com que eu lhe abro a porta  
a doze dias coltada

que um ferro pezado á corta  
tanto que eu, crelo amanhã  
talvez amanheça morta.

Quer vinte contos de reis ?  
para a tirar da prizão ?  
disse Alonso, mostrando  
o cheque que tinha na mão  
disse o velho : Deus me livre  
o que me fará o Barão.

Meu amigo eu sou Alonso  
por quem Marina está preza,  
moro no Japão sou banqueiro  
tenho dinheiro e grandeza  
vim de lá ocultamente  
só tratar desta defesa.

Eu dou-lhe o dinheiro logo  
e fuja para o Japão  
chegou lá pode contar  
com a minha proteção  
pois eu para os Japoueses  
tenho mais força que o Barão.

O velho cóça a cabeça  
diz ai ; eu vou pensar  
olhava para o dinheiro  
não podia dispensar  
pois vinte contos de reis  
eu não deixo de ganhar.

Há doze dias que Marina  
não via agua nem pão  
nem luz se quer lhe traziam  
que horrivel situação  
com doze quilos de ferros  
quaze morta sobre o chão.

Quando chegavam-lhe as dôres  
ela assim mesmo gemia,  
interrogava a se mesmo  
será noite ou será dia ? !  
nem sequer entra uma restes,  
nesta maldita enxovia.

Meu Deus ! oh ! que cóva escura  
oh ! tormento sem apêlo,  
oh ! luz do sol cintilante  
que nunca mais hei de vê-lo  
sou companheira das trevas  
nesta habitação de gêlo.

Tambem pouco custará  
a por termo minha vida,  
que tem que soffra essas dôres  
morrer aqui oprimida ?  
esse terror assim mesmo  
não me faz arrependida.

Veio o velho com Alonso  
e entraram na prisão,  
Alonso quase desmaia

vendo Marina no chão  
poz-lhe as mãos achou-a fria  
que fazia compaixão

Alonso levava leite  
rapidamente aqueitou  
pondo Marina no còlo  
ela com pouco acordou  
tomou um copo de leite  
depois então melhorou.

Quando Marina acordou  
que viu Alonso ao seu lado  
exclamou: meu Deus é sonho  
eu teria me enganado?  
fitou-o e chamou por ele,  
disse: oh! anjo abençoado.

Logo que Alonso se viu  
com Marina em seu poder.  
disse consigo: eu agora  
pouco importa de morrer  
fiz o que ela me fez  
pode o Barão se morder

Depois que estavam fóra  
um oficial sentiu,  
e para Alonso e Marina  
como uma fera partiu  
Alonso com um punhal  
cravou e ele caiu.

Chegaram mais cinco praças  
e Alonso repreenderam,  
Alonso atirou em dois  
ali mesmo eles morreram  
Marina inda matou um  
ficaram dois e correram.

Correu ao porto e disse  
ao capitão do navio,  
que queria partir logo  
que o tempo estava de estio  
este disse agora não  
o barco inda está vazio.

No outro dia as dez horas  
estava o barco preparado,  
o barão desconfiou  
que o barco estava fretado  
poz em estado de sitio  
foi o navio embargado

Correu-se canto por canto  
afim de ver se achava  
um velho amigo de Alonso  
numa alcova se conservava  
então o velho escondido  
todo negocio espreitava.

Alonso mandou pelo velho  
uma carta ao capitão,  
que fosse falar com ele

pois havia precisão  
dizendo; eu tenho dinheiro  
que compre a navegação.

Pronto o capitão chegou  
então Alonso lhe disse  
que queria retirar-se  
oculto que ninguém visse  
a quantia do dinheiro  
o capitão lhe pediu

Com pouco chega um soldado  
procurando o capitão,  
chegando a ele entregou-lhe  
uma carta do Barão  
dizendo-lhe custa-lhe a vida  
se partir para o Japão.

O capitão era forte  
disse Alonso se apronte  
embarque e conduza a moça  
e comigo em tudo conte  
você só sai do meu barco  
se fizerem de mim ponte.

A uma da madrugada  
o navio abriu a vela  
seguiu de bandeira içada  
então a noite era bela  
pois no mar isso é vantagem  
uma noite como aquela.

Assim que o vigia viu  
que Alonso tinha fugido,  
correu deu parte ao Barão  
que o barco tinha saído  
o Barão deu um ataque  
ficou sobre o chão caído

Mandou chamar uma esquadra  
e mandou que o perseguisse,  
onde pegasse o navio  
prendesse: se rezistisse  
matasse Alonso lá mesmo  
queimasse a filha se a visse.

Tinham andado dois dias  
numa manhã muito cedo,  
deu fé um dos tripulantes  
que os perseguia um torpêdo  
o capitão preparou-se  
e disse: aqui não há medo.

Com poucas horas depois  
o navio os alcançou,  
deram-lhe voz de prisão  
o capitão se alterou  
Alonso saiu á prôa  
a batalha se travou.

Cento e quatorze soldados  
contra o barco se botaram,  
o capitão morreu logo

com os tiros que trocaram  
o navio que Alonso ia  
as balas o estregaram,

Marina disse a Alonso :  
se perdemos a vitoria  
toquemos fogo na polvora  
que para nós será gloria  
de nós nem dele não fica  
um só que conte a historia.

O chefe da expedição  
disse a Alonso se renda,  
Marina com animo disse  
a nós não vejo quem prenda  
estamos sós vamos ver,  
quem é que ganha a contenda.

Disse a Alonso pelêje  
e desceu logo ao porão  
trouxe um archote ja pronto  
e com toda disposição  
deitando fogo na polvora  
foi medonha a explosão.

Porém Marina e Alonso  
da explosão escaparam  
por uma felicidade  
uma taboa ainda acharam  
passando por perto deles  
ambos nela se pegaram.

Dos inimigos de Alonso  
apenas um escapou,  
por sua felicidade  
um salva-vida inda achou  
e foi ele que ao Barão,  
todo ocorrido narrou.

O Barão como uma fera  
depois de estar informado  
foi logo ver o punhal  
que alada tinha guardado  
remeteu aos paes dos mortos  
que era o conde seu cunhado.

E mandou pedir ao conde  
que guardasse por lembrança  
o punhal com todo sangue  
como papel de uma herança  
dizendo : eu só apareço  
depois de minha vingança

Mandava dizer na carta  
ao conde de Montalvão  
vou perseguir o bandido  
o mato num caldeirão  
Marina abro-a pelas costas  
arranco-lhe o coração.

● conde mais a condessa  
quando a carta receberam,  
com esta triste noticia

que os dois filhos morreram  
passaram oito ou dez dias,  
que apenas agua beberam.

O Conde e sua mulher  
todo dia consultava.  
que de todos os seus filhos  
apenas um lhe restava  
e esse para o futuro  
era quem tudo vingava.

Deixemos agora os planos  
que os condes adotaram  
vejam Marina e Alonso  
como foi que se salvaram  
quasi nas anclas da morte  
como um protetor acharam

O navio afundou logo  
devido aos grandes estragos  
Marina disse á Alonso  
morremos bem, estamos pagos  
nossas almas vão unidas  
Deus verá nossos afagos.

Disse-lhe Alonso: eu contigo  
da morte não tenho lembrança  
faço de conta que vou  
para o céu numa mudança  
teu peito serve de sombra  
onde minha alma descança

Disse Marina sorrindo  
isto aqui é um altar  
os peixes são sacerdotes  
que hão de vir nos casar  
eu fui pedida na terra  
o casamento é no mar.

Ambos ficaram vagando  
esperando pela morte,  
Alonso disse: Marina  
vamos ver o que dá a sorte  
haja o que Deus for servido,  
inda que a vida nos corte.

Disse Marina a Alonso  
não tenho mais esperança  
o mundo, o ouro, a família  
riaquel tudo da lembrança  
tudo com a morte se acaba  
tudo com a vida se alcança.

Olhou para Alonso e disse  
vamos fazer oração,  
nós confessamos a Deus  
e lhe peçamos perdão  
— por tumba temos o mar  
— por coveiro o tubarão.

Olhou para o céu dizendo  
Jesus Cristo redentor,  
Deus e homem verdadeiro.

de todo mundo senhor  
orai por esta infeliz  
pobre escrava do amor.

Pelo topo do calvario  
onde a grande cruz se ergueu  
por vosso sangue innocente  
que em gotas na cruz desceu  
pelas chagas pelos cravos  
perdão para o crime meu

Pelo calix de amargura  
vos peço meu Deus me acudas  
eu só mereço que faças  
para mim as ouças surdas  
vos peço por vossas dores  
pela tragedia de Judas.

Meu Deus vós bem conheceis  
meu coração traidor,  
eu não trai a meu pae  
nem dele tenho rancor  
só a vós cabe saber  
a ciencia do amor.

Vos peço oh! Deus se quizerdes  
com pena me castigar,  
mande que as aguas se abram  
para nelas me alogar  
salvando Alonso é bastante  
sou satisfeita em pagar

Aí Marina sentiu  
uma voz desconhecida  
dizer-lhe tua oração  
por Deus do céu foi ouvida  
com pouco vem uma onda  
que salvará tua vida.

Então perguntou Marina  
quem és tú que estás falando?  
sou tua mãe respondeu-lhe  
estou sempre por ti velando  
há 15 anos que morri,  
mas vivo te acompanhando.

Aí chegou uma onda  
com toda força arrojou-os  
com espaço de 3 horas  
sobre uma praia botou-os  
Alonso pegou Marina  
aí a onda deixou-os.

Já o sol ia se pondo  
seus raios de ouro morrendo.  
o manto negro da noite  
sobre o mundo se estendendo  
e eles esmorecidos  
gelados no chão tremendo.

Marina exclamou : que frio !  
que fome me devorando !  
que ilusões sinto nervosa :

e dôres me amesçando!  
será o anjo da morte,  
que está me visitando?

E nisto sentiu pizadas  
era um homem pescador  
viu os dois cahidos ali  
gritou com todo terror  
és almas do outro mundo  
ou serás salteador?

Não sou alma nem ladrão  
nós somos dois naufragados,  
escapamos de morrer  
estamos aqui derrotados  
lutamos o dia inteiro,  
salimos estamos gelados.

Estão nós? perguntou o homem  
ambos estamos senhor,  
coitados! que lastimas está!  
exclamou o pescador  
naufragos em terra alheia  
meu Deus do céu que horror!...

Meu amigo eu sou um pobre  
e pobre desprevenido,  
sinto nada possuir  
disse-lhe o desconhecido  
porém eu vou em nossa casa  
vêr se arrumo um vestido.

O homem, de sua mulher  
conseguiu logo um vestido,  
Alonso vestiu Marina  
que já tinha esmorecido  
e se embrulhou numa capa,  
que o homem tinha trazido.

Disse o pescador a eles  
eu não tenho o que lhes faça  
minha casa é a mais pobre  
que tem aqui nesta praça  
mas vamos para lá mesmo  
que a noite depressa passa.

Alonso poz-se indagando  
depois de uma refeição,  
se ali morava algum homem  
que tivesse tranzação  
ou que tomasse dinheiro  
a banqueiro do Japão.

Tem Monsieur Manacês  
— Manacês morava aqui?  
— mora é um negociante  
a casa dele é ali  
— é meu freguez disse Alonso  
só tem, é que nunca o vi

Então Alonso escreveu-lhe  
contando todo o ocorrido.  
contando-lhe o seu embarque

como se tinha perdido  
e dá forma que se achava  
e como tinha saído.

Manacês na mesma hora  
veio onde Alonso estava  
perguntou-lhe o que queria  
e de quanto precisava  
disse: o que possuía:  
ao dispor dele se achava.

Disse; preciso uma barca  
para dar ao pescador,  
foi muito bom para mim  
foi quasi meu salvador  
e é necessario dar-lhe  
seja que quantia for.

O navio que Alonso vinha  
o mar o tinha arrojado,  
estava perto da praia  
que as aguas tinham botado  
tiraram acharam o diabeiro  
que Alonso tinha guardado.

Alonso comprou um barco  
que estava no estaleiro,  
procurou um capitão  
um homem destro e guerreiro  
que fosse conhecedor,  
de qualquer mar estrangeiro.

Depois de cinco ou seis dias botaram o barco e partiram, levando quatro criados e para o Japão seguiram mas logo ao chegar ao porto em grande luta se viram!

Um grande pelxe feroz contra o barco se botou, quaze que vira o navio alada o arruinou porem vinha um calafate ai mesmo o concertou.

Ja tudo tão tranquillo nada havia em embaraço. Alonso e Marina andavam sempre na prôa de braço o barco era como uma ave que ia cortando o espaço.

Mostrava Alonso a Marina vés como este sol brilha? aquele floco de neve fingindo uma maravilha? como é belo uma hora desta, juntar-se as nuvens em pilha.

Esse momento Marina olhando para a amplidão observou que atraz d'eles.

vinha uma embarcação  
com uma bandeira encarnada  
conheceram o Barão

Alonso! exclamou Marina  
nossa desgraça chegou  
olha aquela embarcação  
foi Deus que nos castigou  
meu Deus que grande tormento  
mas Alonso a acalmou

Disse o capitão do barco  
sou de novo perseguido  
se o Barão nos alcançar  
um de nós fica perdido  
ele hoje mata ou morre,  
um há de ficar vencido.

Marina disse a Alonso  
eu sou filha ele é pae,  
com tudo ainda eu o amo  
tanto um amor que me a trai  
hoje somos inimigos,  
um de encontro a outro vai.

Não passaram 5 horas  
se confrontaram os guerreiros  
os navios eram bons  
ambos fortes e ligeiros  
o Barão se preparou  
prevenia dois artilheiros.

Então gritou para Alonso  
para esse barco, bandido,  
hoje te arrependerás  
de seres tão atrevido !  
Alonso disse : Barão  
haja o que Deus for servido.

Aí gritou o Barão ;  
atirem nesse navio  
pois a um bandido desse  
não se fala em desafio  
se ele escapar eu vou dentro  
mato tudo a ferro frio.

Dispararam duas peças  
que o navio estremeceu,  
Alonso também de lá  
um tiro enorme lhe deu  
o navio que Alonso ia  
uma bala lada o rompeu

Alonso disse ; Barão  
é melhor se acomodar  
volte daqui vá viver  
não queira se desgraçar  
eu pago suas despesas,  
para o senhor se aquietar.

Miseravel aventureiro  
não te quero dar ouvido  
tá hoje há de me pagar.

tudo que tenho sofrido  
num caldeirão desse barco,  
tu hás de seres cozido.

E repetiu outro tiro  
mas Alonso se livrou,  
atingiu no capitão  
pois a bala o traspassou  
esse morreu ali mesmo  
que nem gemeu nem falou.

Um tenente coronel  
que acompanhava o Barão,  
saltou no navio de Alonso  
com uma espada na mão  
Marina deitou-lhe um tiro,  
morreu e não fez ação.

Investiu mas um major  
um sargento e um soldado  
Marina emparelhou os trez  
com um tiro tão acertado  
que matou dois num momento  
outro morreu afogado.

O Barão e dois alferes  
contra Alonso e os criados  
ambos os vasos com os tiros  
estavam muito estragados  
pareciam seis leões  
lutando desesperados.

Marina disse : meu pae  
deixe de ser orgulhoso,  
atenda o poder de Deus  
que é muito poderoso  
lhe peço em nome de Deus  
não seja tão rigoroso.

--- Suma-se, infeliz maldita  
não quero ouvi-la um instante  
se eu aqui não me afundar  
mato a ti e teu amante  
mato-te ainda que Deus  
contra mim se meta adiante.

Tudo ja tinha morrido  
restava ele somente,  
Alonso viu que morria  
e o Barão estava imprudente  
soltou-lhe uma dinamite  
foi-se o barco de repente.

Porém por felicidade  
sempre escapou o Barão,  
pegou-se num escaler  
que escapou da explosão  
escapou quasi sem roupa  
porém com o punhal na mão

O navio que Alonso ia  
de vante a ré se estragou,  
de gente ficaram eles

o mais tudo se acabou  
felicemente que o dinheiro,  
Marina logo guardou.

Submergiu-se o navio  
eles salvaram-se em um bote,  
Marina exclamando disse :  
meu Deus naufragio é meu dote  
pedimos agora a Deus  
que em bôa prala nos bote.

O barão desesperado  
por não poder se encontrar  
com Alonso mais Marina  
com tenção de ainda lutar  
levava o punhal nos dentes  
que chegava se cortar.

Conseguiu lnda encontrar-se  
com o bote que Alonso ia,  
falava, mas com a colera  
quasi ninguem entendia  
quando olhava para eles  
todo o corpo lhe tremia.

Eis ai, disse o Barão  
vamos ver o que dá a sorte,  
bandido hoje um de nós  
será herdeiro da morte  
as facas são testemunhas,  
ganha de nós quem for mais forte.

E se travaram na luta  
inda Alonso se feriu  
mas quando viron-lhe o bote  
ele n'agua se sumiu  
estava morrendo afogado,  
mas Marina o acudiu.

Ele salvando-se disse  
inda fizeste esta ação?  
não julgava inda achar isso  
em teu cruel coração  
Alonso ainda falou-lhe,  
ele não deu-lhe atenção.

Ele em soluços exclamava  
oh! que coração cruel,  
bôca que tanto beijei  
me parecia ter mel  
não sabia que o futuro,  
era uma taça de fé!

Em noite ela pequena  
eu era seu grande amigo,  
se ela dormindo chorava  
estava sempre consigo  
como se cria nos braços,  
o mais tirano inimigo.

Saiu pelo mar vagando  
uma embarcação achou,  
viu que ele era um náufrago

parou o barco e o salvou  
ele contando quem era,  
a embarcação o levou.

Então Alonso e Marina  
saíram também vagando,  
viram um barco japonês  
adiante d'elles passando  
Alonso pediu socorro,  
foi logo o barco parando.

Em dia e meio de viagem  
chegaram sempre ao Japão  
levaram os papéis já prontos  
se casaram sem benção  
descançou aí Alonso,  
das intrigas do Barão.

○ Barão chegou em casa  
já achou tudo estragado  
o palacio onde morava  
já tinha se incendiado  
alguns predios que lida tinha  
estava tudo hipotecado.

Dizia ele assim mesmo  
vou morrer no estrangeiro,  
aonde ninguem me conheça  
quem já fui eu de primeiro  
ninguem zombará de mim,  
quando eu não tiver dinheiro.

Ele não sabia Alonso  
para onde tinha ido  
embarcou para o Japão  
onde era desconhecido  
um cheque que levava.  
chegou lá estava perdido.

Carregou frete na rua  
afim de se alimentar,  
calu seis meses doente  
depois de se levantar  
para não morrer de fome,  
foi preciso mendigar.

Foi procurar um emprego  
e de forma alguma achou,  
apenas uma cocheira  
alguns meses se empregou  
o trabalho era pesado,  
e ele não aguentou.

○ leitor calcule agora  
que horrivel situação,  
hoje ser um jornaleiro  
quem ontem foi um Barão  
ontem com tanta fortuna,  
hoje mendigando o pão.

Mas tudo isso é da vida  
dizia ele consigo,  
morrerei entre os estranhos.

sem vêr siquer um amigo  
ninguem me perguntará,  
que é do teu orgulho antigo ?

Aqui ninguém me conhece  
não saberão quem fui eu,  
em minha terra dirão  
que o barão já morreu  
não há quem tenha prazer,  
de vêr sofrimento meu.

Alguns que passam aqui  
dirão é um desgraçado,  
não sabe quem fui outr'ora  
desconhecem o meu passado  
tambem pela sepultura,  
muito breve sou chamado.

Muitas vezes o Barão  
recordando o seu passado  
dizia consigo só ;  
eu sou muito desgraçado  
eis o meu orgulho infame,  
em que é que está tornado.

Aquele pobre rapaz  
que anda no meio do mundo,  
felto um pobre foragido  
talvez até vagabundo  
eu merecia por isso,  
um sofrimento profundo

Minha filha sendo unica  
que minha esposa deixou,  
e que sua mãe morrendo  
tanto me recomendou  
eu obriga-la a chegar,  
ao extremo que chegou.

Um dia que não ganhou  
com que comprar alimento,  
e de noite não achou  
quem lhe desse um aposento  
essa noite para ele,  
foi um carcere de tormento.

Oprimido pela fome  
pois nada comeu no dia  
a roupa toda rompida  
que o corpo lhe parecia  
deitado n'uma calçada.  
imunda molhada e fria.

Um dia disse Marina  
meu pae há de ter morrido  
aquele grande egoismo  
há de tê-lo consumido  
pois o comum do orgulho  
é sempre ser abatido.

Disse Alonso ; tenho pena  
da loucura de seu pae,  
porque ele é orgulhoso

e o orgulho aonde vai  
castiga quem o possui,  
e seu gladio logo cae.

Alonso um dia passando  
viu deitado um ancião  
tendo encostado ao seu corpo  
uma trouxa e um bastão  
Alonso viu que ele tinha,  
todos traços do barão.

Disse em conversa a Marina  
que estava surpreendido,  
porque viu numa calçada  
um pobre velho caldo  
extraordinariamente,  
com o barão parecido.

Disse Marina é parencia  
ele se sacrificou  
mais o dinheiro que tinha  
ainda não se acabou  
e sabe bem para onde  
foi que você se mudou.

E aquele orgulho dele  
domina-lhe o coração,  
me parece que inda ele  
tendo a maior precisão  
sabendo de nós aqui,  
morre e não vem ao Japão.

Eu fui desobediente  
mas tive toda a razão,  
ele tambem como eu  
tendo o mesmo coração  
amando como eu amei  
faria essa mesma ação.

Alonso disse : Marina  
eu fico contrariado,  
em pensar nos dissabores  
que você já tem passado  
disse : Marina é da vida  
meu pae foi o mais culpado.

Disse Marina ; assim mesmo  
tenho-lhe muita amizade,  
sinto d'alma ter lhe feito  
essa contrariedade  
ele tem odio de mim  
eu dele sinto saudade.

Um francez disse ao Barão  
que Alonso tinha casado,  
não deu-se bem no Japão  
depois tinha se mudado  
estava morando no México  
estava quasi quebrado.

Por essa nova o Barão  
ir ao Japão preferia  
o lugar era distante

all ninguém nunca o viu  
lá não tinha um espanhol,  
esse lugar lhe serviu

Bem na calçada de Alonso  
veio ele um dia cair,  
Alonso conheceu ele  
e para não o afillgir  
mandou preparar um quarto  
e nele o introduzir.

Deu então parte a Marina  
essa ficou agitada,  
mas Alonso preveniu-lhe  
que ela não dissesse nada  
porque a saúde dele,  
já estava um pouco arriscada

--Vamos tratar dele aqui  
não precisa ele saber,  
ele restabelecido  
não faz mal nos conhecer  
escolheu-se a ocasião  
propria para lhe dizer.

Deu-lhe um quarto com uma cama  
um medico veio o visitar,  
ele fazia um juizo  
mas não podia acertar  
porque melo aquele homem,  
assim queria o tratar.

Marina, ele, e Alonso  
uma noite conversando,  
disse ele eu sou um monstro  
justo era estar pensando  
assassinel uma filha,  
o céu está me castigando.

Fui malvado como Herodes  
soberbo como Lusbel,  
tive uma filha unica  
uma alma nobre e fiel  
contra razão obriguei-a  
beber a taça de fel.

Eu tinha alma de ferro  
só dinheiro conhecia  
nunca dei uma esmola  
a um pobre que pedia  
eu não merecia ver,  
nem a santa luz do dia.

Ah! se eu visse meu genro  
para pedir-lhe perdão  
e pedir que me matasse!  
eu lhe perdoava então  
a minha vida é um fardo  
dela não tenho precisão.

Sou eu um ente incapaz  
de um cristão me socorrer,  
uma lagrima em Marina

ela não ponde conter  
Alonso viu-a chorar  
foi obrigado a romper.

Seu genro. Barão, sou eu  
por mim já está perdoado  
já me esqueci disto tudo  
pode ficar descansado  
não é mais que isto o mundo  
o Barão estava enganado.

À sua filha abençoê  
fiquemos em união  
não há juiz como Deus  
em qualquer ocasião  
sem procurar testemunhas  
manda que ganhe a questão.

Devemos logo esquecer  
tudo quanto foi passado,  
eu hoje serei seu filho  
tenho direito sagrado  
velar por sua pessoa,  
e ser um filho estimado.

Quando o Barão estava só  
começava a meditar;  
não há quem seja feliz  
é asneira se exaltar  
o futuro é como a noite  
ninguém o pode enxergar.

Fal de tão alta linhagem  
hoje estou me vendo assim,  
porque julguei que o orgulho  
não havia de ter fim  
meu genro sendo engeitado  
é superior a mim.

Dezesseis anos depois  
deixou ele de existir  
deu um abraço em Alonso  
antes de se concolir  
dizendo ; estou satisfeito  
agora posso partir.

Isto fica como exemplo  
então ver-se aonde vai,  
a soberba é abatida  
no abismo tudo cal  
Jesus é grande em poder  
reduz ao pó qualquer ser,  
o poder dele é de pae.

T. IV

--- FIM ---

Recife, 4-11-944

Preço 3 Cruzeiros

7  
L



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).